

**BIOGRAFIA DE**  
**JOSÉ RIBEIRO PENA**

**Por Lindolfo Pena Pereira**

**Discurso de posse na**  
**Academia Itapecericana de Letras**  
**16/12/1981**

Para Henrique, Mateus e Rodrigo, quando adultos,  
conhecem um pouco da vida do grande homem  
que foi seu Bisavô! Henrique 27/9/90.

## PREFÁCIO

Fazendo uma daquelas arrumações que, de quando em vez, costumamos empreender em nossos objetos pessoais, deparei com um maço de folhas, já começando a ficar amarelas. Na primeira delas, uma dedicatória, com a caligrafia tão familiar de minha querida avó, indicava o conteúdo do documento, do qual não mais me recordava. Rapidamente, devorei aquelas páginas que continham o discurso de posse de meu primo Lindolfo na cadeira da Academia Itapepericana de Letras patrocinada por meu saudoso avô.

Com seu estilo brilhante e carregado de emoção, ele traça a biografia de José Ribeiro Pena, homem público de notável caráter, exemplo no qual deveriam mirar-se os políticos desta nação, hoje tão carente de líderes que se preocupem efetivamente com o bem-estar coletivo.

Resolvi, então, digitalizar o texto e publicá-lo na página que mantenho na Internet sobre a nossa Tamanduá, terra amada de Ribeiro Pena, que por ela tanto trabalhou.



José Ribeiro Pena Neto

Dezembro, 2000

# DISCURSO

Talvez o façamos ousadamente sem nem sequer procurarmos aprofundamentos a respeito do porquê o ousamos; é bem possível. até. que a ousadia a provenha de profundo sentimento a cuja análise nos furtamos, porquanto há sentimentos tão puros em sua evidente cristalinidade. que qualquer indagação sobre eles haveria de tão só anodoá-los, sem, contudo, conseguir a buscada elucidação melhor; por isso, em casos tais, permitirmo-nos sentir, somente, deixando que dele, do sentimento, emane livre a ousadia que impulsiona. Assim o é agora, aqui neste momento: ousamos afirmar que Itapecerica, nossa terra muito amada, traz, em si, algo que a diferencia de todas as demais, e o sentimento do amor inscreve tal afirmativa entre as verdades inabaláveis e indestrutíveis.

Lançamos a afirmativa e a sagramos, com a força do amor. como verdade imutável. elucidando, contudo, que a diferença que a distingue. entre todas, esta em que ela, por algo transcendental, que a envolve em magnetismo irresistível, sabe se fazer amar, embora pobre, pequenina e frágil.

Embora pobre, pequenina e frágil, muitas vezes, pelo poder inexplicável do amor, se torna forte e poderosa, lançando luzes, incomensuráveis, atraindo sobre si, admiradas atenções.

Várias vezes, no passado. houve épocas desse brilho intenso provocado pelo milagre do amor.

Hoje, com muita alegria e dominados por emoção profunda, a tocar-nos a fibras mais íntimas de nossa alma comovida, iremos rever uma dessas épocas de brilho magnífico, projetado pela inteligência de um homem cuja vida, toda feita só de amor, amor de abrasante quentura. fez comunicar à terra que lhe deu o berço natal, a luminosidade autêntica, emanada da combustão de toda uma existência, na lenha seca da entrega total e sob o calor espontâneo de um fulgor sem limites.

Sentimos, apenas, nós a quem foi dada a imensa responsabilidade da evocação das imagens grandiosas do passado, não termos suficiente estatura que nos capacite a ombrear com a grandiloquência dos fatos. Entretanto, ameniza-nos o travo da responsabilidade o suave lenitivo da simplicidade com que o nosso homenageado viveu sua vida e, conseqüentemente, nossa história, tanto quanto ela o foi, será bem simples, inteiramente destituída das falsidades das pompas ilusórias.

Antes do início, porém, necessária se faz breve pausa, para esclarecimentos com referência ao momento que vivemos.

Idealistas de nossa terra resolveram, em boa hora, criar a ACADEMIA ITAPECERICANA DE LETRAS, congregando nomes credenciados, em reunião de inteligências marcantes, a fim de que o produto sublime de suas criações intelectuais, voltado, na maioria das vezes, para a peculiaridade da índole de nosso povo e da nossa gente, restando, à matroca, no tempo devastador, não se perdesse, em prejuízo das gerações de amanhã, como tanto, infelizmente, já se perdeu de ontem, para prejuízo das de hoje.

Se agradável foi nossa surpresa e imensa a alegria de ser convidados para figurar em meio a gente de tal estirpe, sem maneira de aquilatar foi a satisfação que nos empolgou ante a informação de que ocuparíamos cadeira e sob o patrocínio de JOSÉ RIBEIRO PENA, crescendo-se, a tudo isso, mais a circunstância ímpar de a nós nos caber, por determinação dos pares, a tarefa, primeira, de traçar o perfil do inesquecível patrono da cadeira que nos coube e, na qual, humildemente, certos das nossas terríveis limitações, nos assentamos, com prazer ilimitado.

Nossa história começa juntamente com o século.

Nem bem o ano de 1900 passara de sua metade, quando, no dia 4 de agosto, em Itapece-rica, Maria Carmelita Pena, pequenina e delicada mocinha, com o tímido sorriso que ilumina-va, sempre, nos momentos de alegria, a alvura de um rostinho encantador, recebia em seus braços o primogênito. que acabara de nascer, fruto de seu casamento com Lafaiette Ribeiro Pena, fazendeiro no Município.

Antes, porém, que se pudesse checar a esse sublime instante de natural beleza, e para que esse momento ocorresse justamente em Itapece-rica, a vida. impregnada da sabedoria que lhe insufla a divindade, manejando seus mágicos cordéis, fez se reunissem, aqui, pessoas trazidas de lugares bem diversos.

Enquanto a terra. onde JOSÉ RIBEIRO PENA haveria de nascer. ainda se ressentia do pi-sar, em seu dorso, das destemidas bandeiras. que lhe rasgaram as entranhas, em busca das riquezas minerais; enquanto o Rio Vermelho escorregava suave e coleante pelo vale ameno, sem pressa, no perpassar tranqüilo dos dias, sob a sentinela calma e cismarenta do “Calado”; enquanto o tempo se deixava escoar, vagabundo, brincando de apagar o sol e acender estrelas; enquanto o mundo continuava impassível, seu giro milenar no espaço si-deral; em outras terras a vida praticava a mágica de Deus. fazendo convergir para o ponto assinalado, as pessoas que tomariam parte efetiva na história de um homem que fez histó-ria.

Assim é que, de Entre Rios de Minas, Araxá e Dolores do Turvo, vieram ter a Itapece-rica, an-tes da virada do século XIX, os irmãos Antônio e Lafaiette Ribeiro Pena e as irmãs Maria Carmelita e Alzira, como, de Pium-i viriam, mais tarde, outras importantes pessoas, para a complementação do enredo.

O Dr. Antônio Ribeiro Pena, ilustre bacharel em Direito, profundo conhecedor das leis e es-tudioso da nobre ciência jurídica, e que viria a tornar-se um dos primeiros Juizes da Co-marca, que muitos anos mais tarde, se criaria em Divinópolis, casou-se com Alzira, irmã de Maria Carmelita, que se casou com Lafaiette, irmão de Antônio.

Desse último casamento, de Lafaiette Ribeiro Pena, com Maria Carmelita Pena, nasceu, conforme anteriormente narrado, no dia 4 de agosto de 1900, JOSÉ RIBEIRO PENA, o primogênito do casal.

Como filho de fazendeiro, o menino José cresceu na lida do campo, em contacto estreito com a natureza, no amanho da terra, no trato diário com a rudeza dos animais e com os homens simples da roça, produtos do meio, seres humanos na sua mais pura autenticida-de, mourejando, com eles, ombro a ombro, praticando o mesmo trabalho, participando, de igual para igual, das mesmas tarefas enobrecedoras.

Este ambiente de tão pura essência, forjou-lhe em tempera rija o caráter, dotando-o de qua-lidades simples, que somente a natureza pode transmitir e que, mais tarde, haveriam de marcar-lhe a existência com atitudes da mais extrema nobreza e fina elegância, sobressa-indo-se, em sua personalidade ímpar, marcante humildade e um profundo senso de medida das coisas, fatores que lhe permitiram facear as diversas circunstâncias da vida, com ver-dadeira independência e destemida coragem, fazendo com que, por mais subisse, jamais perdesse de vista o caminho de volta que sabia trilhar com a mesma desenvoltura com que palmilhava o de ida; por mais alevantado alçasse seu olhar, esquadrinhando as estrelas, seus pés se mantivessem firmes no chão, como as árvores do campo, que tantas vezes, arguta criança, observara, verdes braços se estendendo rumo às nuvens, mas raízes se prendendo a terra.

Aos 16 anos de idade, partiu, levado pela morte, seu pai, Lafaiete, e José, nestas alturas com mais 3 irmãos, Margarida, Letícia e Waldemar, ainda meninos sentiu-se como o mais velho, na obrigação de velar pelos menores e pela mãe viúva.

Sem forças, porém, criança ainda que era, para fazê-lo, sozinho, entregou-se, a si e os seus, na primeira doação de sua vida, a tutela do tio, Antônio Ribeiro Pena, que, sem filhos, passou a cuidar da família do irmão falecido, com toda a severidade dos patriarcas de antigamente, exigindo do menino, José, inteira dedicação à fazenda que o pai deixara, fonte de sustento de todos.

Nestas alturas, o menino já se deixara dominar pela primeira paixão de sua vida, os livros, que emprestava, constantemente, da magnífica biblioteca de seu tio materno, advogado famoso, que também viera para Itapecerica, Severo Antunes dos Santos Ribeiro, devorando, avidamente, em intermináveis serões, à luz mortiça das lamparinas a querosene, passando a conhecer, desde cedo, os grandes autores da literatura brasileira e portuguesa, assim como alguns franceses.

No campo, então, entregue ao primitivo trabalho de carpir o solo ou ao de velar pela guarda das vacas leiteiras, fazia-o, já maquinalmente, porque o espírito, liberto, quedava nos livros, em cujo mundo maravilhoso incursionava todas as noites.

As páginas famintamente lidas no último serão eram rememoradas e mil vezes repensadas, enquanto os animais, indiferentes e mudos, iam ruminando seu alimento ou a enxada, em suas mãos já automatizadas, em ir e vir maquinal, desbastava as pragas do solo.

Era-lhe motivo de dor profunda, qual tenebroso suplício, sentir a inteligência maquinando vôos de condor e ver-se preso a um mourejar de catadura rudimentar, sem perspectivas quaisquer.

Itapecerica nada mais podia oferecer-lhe em matéria de cultura e sua privilegiada inteligência exigia-lhe mais.

Precisava, urgentemente, abastecer-se em fontes mais amplas que pudessem proporcionar-lhe maiores recursos a lhe desalterarem a sede de saber. O tio, entretanto, chefe severo da família, não lhe permitia tais veleidades, porquanto, dizia, o jovem José precisava trabalhar a fim de garantir o sustento da mãe viúva e dos irmãos.

Mas a vida, magnânima protetora dos que têm firme a vontade na obstinação do saber, voltou a praticar sua mágica e um incidente provocou a ruptura das amarras que o impediam de voar mais alto. A severidade do tio na administração do patrimônio da família não admitia qualquer descuido do jovem na condução dos trabalhos a seu cargo. Um dia, à tardinha, corno fazia invariavelmente, recolheu ao curral, para a ordenha do dia seguinte, as vacas apascentadas e partiu célere para a cidade, como sempre, com o sentido nos livros do ansiosamente esperado serão de leituras.

Já quase chegando a cidade, repentinamente, seu pensamento, libertando-se, voltou, maquinalmente, à fazenda e contou as vacas no curral. Uma delas, a “Pintada”, que sempre lhe dava mais trabalho na operação de recolhimento, tresmalhando, constantemente, lá não se encontrava.

Bambearam-se-lhe as pernas. Quando relatasse ao tio que a “Pintada” desaparecera a repreensão seria drástica. Voltar seria impossível pois a noite, mansamente, já vinha colocando a cortina de suas sombras no ambiente tranqüilo.

O medo era forte e a figura carrancuda do tio desenhou-se à sua frente, com toda a pujança de sua inquebrantável severidade.

Entretanto, como por artes de alguma fada bondosa, segura serenidade apossou-se do jovem. Firme resolução tomou-lhe o pensamento. Não lhe era possível continuar tangendo,

qual autômato, animais, quando seu temperamento exigia-lhe muito além. Precisava satisfazer o cérebro febril, ansiando por novos conhecimentos. Aproveitaria aquela dificuldade e convenceria o tio, custasse o que custasse, que deveria partir a procura de um colégio onde encetasse estudos regulares. Faria aquilo, sim, mesmo que fosse preciso trabalhar para sustentar-se estudando.

Uma vez em casa, após difícil diálogo com o velho patriarca da família, acabou por convencê-lo, ficando decidido que se matricularia no Colégio Santo Antônio, de São João D'El Rei.

Naquele famoso estabelecimento de ensino, um dos mais conceituados de Minas Gerais, na época, destacou-se, imediatamente, uma vez que já era íntimo dos livros que, mais uma vez, no Colégio, distante do torrão natal, lenificaram-lhe, com seu bálsamo, indefectível, as dores pungentes da saudade, a fazer-se mais aguda na alma sensível do jovem que, pela primeira vez, se afastava do lar, da mesmice de sua pacata cidade, para o burburinho de uma cidade maior e o bulício da juventude álaque que povoava a imensidão da escola.

Amigo dos livros e dedicado aos trabalhos escolares concluiu, com brilhantismo, o curso de humanidades, partindo para Belo Horizonte onde se diplomou em Agrimensura.

Retorna, então, à cidade dos seus amores, para o exercício da nova profissão, cujos segredos passou a dominar com maestria, como tudo o que fazia na vida.

Realizou inúmeros trabalhos, com o entusiasmo e a perfeição que lhe marcavam, sempre, a atuação em qualquer setor onde fosse chamado a cooperar.

Foi aí que a mágica da vida atuou, de novo, para indicar-lhe novos rumos.

Na qualidade de agrimensor foi solicitado a atuar, como árbitro, em várias questões forenses de intrincada solução, resolvendo-as com extraordinária competência, unindo a perícia do topógrafo ao bom senso do jurista que lhe dormitava no fundo da inteligência, como inato elemento a compor-lhe o caráter, em estado latente.

Então, seu tio materno, Dr. Severo Ribeiro, conforme já visto, brilhante advogado na Comarca de Itapecerica, senhor de movimentada banca advocatícia, famosa em toda a região, profundo conhecedor do direito, com sua fina acuidade de emérito e experiente pensador, notou no jovem agrimensor, aquela tendência para as questões jurídicas que mal acabava de anunciar-se, requisitando-lhe o concurso, que adivinhava valioso, para o seu escritório.

Como naquele tempo, devido à pouca quantidade de escolas de direito e às dificuldades naturais da época, que impediam sua regular freqüência pelos interessados nos estudos jurídicos, não se exigia diploma para o exercício da profissão. o jovem passou, a par da agrimensura, a trabalhar com seu tio, atuando como advogado, revelando-se excepcional nesse novo mister.

E a vida, incansável em seus planos para com o jovem, continuou maquinando, tecendo rumos, nunca dantes imaginados.

Seu tio advogado, Severo, vindo de Pium-i para Itapecerica, conhecia a família Nogueira de Sá, que passara a residir na jovem capital do nosso Estado, de cujo chefe, Dr. José Nogueira de Sá, conceituado professor da Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, era amigo particular.

Nesse relacionamento do tio com a família, José acabou conhecendo Maria José Nogueira de Sá, bonita garota, filha do Dr. Nogueira, com quem veio a casar-se.

Inteligente, culta, finamente educada no seio de família de elevados padrões morais, mas aberta às inovações sadias, era, Maria, diferente das tímidas mocinhas de sua época, inteiramente dominadas, em seu querer, pelos grilhões dos rígidos conceitos educacionais de então.

Sabia, impor-se, calcada em argumentos sólidos, dialogando com precisão, quando seu direito assim o exigia, não aceitando, passivamente, razões sem razão, só por que vindas de cima.

Foi a doce fada, de que a vida se utilizou para impelir José nos altos píncaros a que se alçou.

O temperamento decidido da jovem esposa completou e equilibrou o caráter de José, minorando os efeitos de uma natural timidez, imposta por inata humildade cultivada no exercitar campesino da infância sofrida, permitindo que aquela inteligência privilegiada e já exacerbada de conhecimentos e forrada de ampla experiência, pudesse, finalmente, explodir em luzes ofuscantes.

A perspicácia aguçada da acuidade feminina contou a Maria que José não poderia continuar em Itapeçerica, advogando, como rábula e praticando a agrimensura, como Chefe de Obras da Prefeitura Municipal. Se aqui se deixasse permanecer, consumiria seus dias na mesmice da vida pacata, impedido de dar vazão às imensas potencialidades com que, desde logo, adivinhou, era dotado seu marido.

Passou, então, a trabalhar, pacientemente neste sentido, almejando convencê-lo a mudar-se para Belo Horizonte a fim de que pudesse, na Faculdade de Direito, aperfeiçoar seus conhecimentos jurídicos, obtendo o diploma de bacharel.

Militando na política municipal, setor em que seu tio, Severo Ribeiro, se fazia expressivo expoente, elegeu-se, José, vereador à Câmara Municipal, tendo-se-lhe enriquecido, já, nestas alturas, o lar, com o nascimento de dois filhos, José Maurício e Antônio.

José, nutrindo quente paixão pela terra natal, resistia às instâncias lógicas da esposa, preferindo aqui ficar, indiferente aos acenos da glória e do poder.

Foi aí que a vida, que protege sempre seus eleitos, armou mais uma das suas artimanhas, vindo em socorro da esposa, criando as necessárias condições para o triunfo de seu justo ideal.

Aconteceu a revolução de 1930 e José, que por circunstâncias peculiares a política municipal, havia ficado contra o movimento, ameaçado pelos vitoriosos do momento, como se acontecer em todas as revoluções, que, infelizmente, liberam os sentimentos menos nobres de alguns homens, viu-se obrigado a deixar sua terra, fixando residência em Belo Horizonte, onde, finalmente, para gáudio da esposa, cursou, com brilhantismo, a Faculdade de Direito da então Universidade de Minas Gerais, obtendo o tão sonhado diploma de Bacharel em Direito.

A fim de poder sustentar-se nos estudos e prover as necessidades da família, dominando, com facilidade, a arte de escrever, senhor de invejável e leve estilo, correndo-lhe, mansa, nas mãos ágeis, a pena submissa, transmitindo ao papel as idéias que lhe brotavam espontâneas da inteligência, trabalhou duro, como jornalista, militando, com destaque, na imprensa mineira, ocupando, no “Estado de Minas” o importante cargo de Redator, transferindo-se, posteriormente, para a “Folha de Minas”, onde se fez “Chefe de Redação” e editorialista político.

Em 1936, finalmente, recebia o diploma de Bacharel em Direito, passando a exercer, com sucesso, a advocacia, na Comarca da Capital, onde firmou, definitivamente, o seu nome, como exímio profissional.

Orador inflamado, brotando-lhe, fácil, a palavra do cérebro, que sabia, como ninguém, armar a argumentação, em silogismos irretorquíveis, ilustrados por gesticulação de extrema elegância, pontificou, com maestria, no tribunal do júri, onde conquistou memoráveis vitórias.

Tão grande seu nome se tornou que o Governador do Estado, de então, Benedito Valadares, convidou-o a integrar o corpo jurídico da antiga Rede Mineira de Viação, tendo sido, mais tarde, requisitado para o Departamento Jurídico do Banco Mineiro da Produção, hoje Banco do Estado de Minas Gerais, em cuja chefia veio a aposentar-se, já no fim de sua vida.

Tudo estava perfeito e as metas propostas pareciam completamente satisfeitas. Restava prosseguir trabalhando, com alegria, na profissão que elegera, aperfeiçoando-se, e, cada vez mais, penetrando fundo nos segredos do direito, colaborando na melhoria da distribuição do sagrado ideal da justiça, apoiado na base segura do lar solidamente edificado, refazendo-se, diariamente, do desgaste da luta, no carinho da esposa dedicada e no encanto dos filhos.

Entretanto, a vida não estava disposta a proporcionar-lhe tréguas. Pensando que o que, até ali, dera, ao, agora, Dr. JOSÉ RIBEIRO PENA, era matéria de pouca monta para as imensas potencialidades de que era detentor, exigiu-lhe mais, muito mais.

1945. Getúlio deixa o poder, que ocupara, ditatorialmente, por 15 anos.

Há alívio geral porque a queda do ditador significava a volta da democracia, com todo o leque de liberdades autênticas que a caracterizam.

Haveria eleições livres. Livremente as cabeças poderiam pensar e pensando livres poderiam criar sem os garrotes que estereotipam os pensamentos em premoldadas formas.

Em 1947, já tendo chegado a seu lar, o terceiro e último filho, César Otaviano, elegeu-se deputado à Assembléia Constituinte do Estado de Minas Gerais, sendo, imediatamente, escolhido para liderar a bancada de seu partido e, atuou com tanto brilhantismo, que, cabendo, à Assembléia, naquele ano, eleger o Vice-Governador do Estado, em obediência à Constituição recém-votada, foi escolhido pelos seus pares, para ocupar o segundo posto mais importante de Minas Gerais.

Foi eleito, em 1951, Deputado Estadual, sendo conduzido, por cinco legislaturas seguidas, ao cargo de Presidente da Assembléia Legislativa. No desempenho dessas funções portou-se com tanto equilíbrio, prudência, serenidade, sabedoria e moderação que os seus próprios adversários, numa das épocas mais conturbadas da política mineira, olhavam-no com o mais profundo respeito, vendo nele a garantia do cumprimento, em toda a sua inteireza, das leis proporcionadoras da paz.

Conta-se que certa vez, em Belo Horizonte, um deputado foi preso, arbitrariamente, pela polícia da Capital. Comunicado a respeito, o Presidente da Assembléia compareceu, de imediato, à Polícia onde ordenou, peremptoriamente, ao Delegado, que soltasse o preso. Diante da ordem, o Delegado retrucou: “Mas, doutor, o preso é deputado da oposição” Ao que o Presidente, deixando de lado, sua natural serenidade, foi ríspido: “Solte, imediatamente, o preso, antes de ser da oposição ele é um representante do povo”.

A partir de 1957, no Governo de Bias Fortes, ocupou as pastas do Interior e Justiça e Segurança Pública, introduzindo, quando na primeira, importantes modificações no sistema penitenciário do Estado, criando, junto à penitenciária de mulheres, em idéia pioneira, uma creche para filhos de presos, a fim de que as detentas, cuidando das crianças, se recuperassem, através do sagrado instinto maternal. Na mesma pasta, criou o Departamento Social do Menor, que tantos serviços prestou ao menor desamparado em Minas Gerais.

Em 1961, desavindo-se, por razões políticas com o Governador, devolveu-lhe, serenamente, a Pasta da Segurança Pública à frente da qual havia atuado, com o seu costumeiro brilhantismo, dotando a Polícia Civil Mineira de características inteiramente novas.

Nesse mesmo ano, lançou-se, corajosamente, candidato ao Governo do Estado, em campanha de sacrifício, destinada a facilitar a vitória do opositor Magalhães Pinto, uma vez

que seu acurado senso de justiça, e as profunda raízes da mais autêntica honestidade que compunham seu caráter, não podiam aceitar os desmandos que alguns homens eventualmente no comando de seu partido, passaram a praticar.

Eleito, Magalhães Pinto convidou-o a integrar seu Governo, na Pasta de Viação e Obras Públicas e, posteriormente, na Presidência do antigo Banco Mineiro da Produção, do qual já era funcionário e que veio, mais tarde, a transformar-se no atual Banco do Estado de Minas Gerais. O período de sua atuação à frente do Banco foi caracterizado como a época áurea daquela instituição. Seu nome era reverenciado, pelos funcionários, sem discrepância, como o de um Pai. O Banco Mineiro era uma casa alegre e humana onde todos trabalhavam com espontânea satisfação, fazendo aumentar, consideravelmente, os lucros do estabelecimento e o nível dos depósitos.

Até hoje, os mais antigos funcionários ainda se recordam, com saudade, daquela época em que constituíam, felizes, urna grande família bancária.

Em 1965, sendo candidato, pelo seu antigo Partido, ao Governo do Estado, seu amigo, Israel Pinheiro, e querendo apoiar sua candidatura, procurou Magalhães Pinto e expôs-lhe, lealmente, suas razões íntimas, deixou a Presidência do Banco, voltando, com impressionante naturalidade, as antigas funções no Departamento Jurídico.

Logo depois aposentou-se, voltando à advocacia, em escritório que levava seu nome, juntamente com o, hoje, Deputado e Secretário de Estado do Governo Mineiro, Dr. Carlos Elói Carvalho Guimarães.

Tivemos a felicidade imensa de, nesse escritório, verdadeira escola, iniciarmos, sob a égide de tão grande mestre do direito, nossa modesta carreira de advogado. Tanto só bastaria para que nos considerássemos vitoriosos na profissão que escolhemos.

Em 1969, no dia 14 de agosto, numa quinta-feira, às vésperas de um feriado, vitimado por embolia cerebral, e já há seis meses guardando o leito, José Ribeiro Pena encerra sua luta na terra, partindo para a outra dimensão da vida.

Partiu da mesma forma como viveu: corajosa e serenamente.

Jamais tendo sido homem que buscasse reconhecimentos mundanos, cujas falsas aparências desprezava, com indisfarçável superioridade, não deixou seu nome inscrito nos mármore do mundo. Em contrapartida, deixou-o inabalavelmente insculpido nos corações daqueles que tiveram a imensa felicidade de privar do seu agradável convívio e na grata recordação daqueles inúmeros a quem estendeu a sua mão bondosa sempre pronta a ajudar.

Se nada quiséssemos dele dizer, bastaria, sem medo de errar, para definir o que foi sua vida e o que significou, afirmar que, encaixando-se, como luva sob medida, na definição do famoso poema de Rudyard Kipling, JOSÉ RIBEIRO PENA FOI UM HOMEM.



LINDOLFO PENA PEREIRA

Itapecerica, 16 de dezembro de 1981.